

MOSTRA DE CINEMA ÁRABE FEMININO

MESA REDONDA SOBRE ARQUIVOS PALESTINOS – 16H

MARIA GANEM MULLER

Gostaria de iniciar esta comunicação com um agradecimento às três curadoras desta mostra: Analu Bambirra, Alia Ayman e Carol Almeida, pela oportunidade de participar da 4ª Mostra de Cinema Árabe Feminino, realizada no CCBB, um espaço de resistência, de troca e de reflexão em tempos urgentes. Agradeço também ao público presente.

O tema central desta mesa redonda são as imagens de arquivo palestinas: suas lacunas, suas ressignificações e as dimensões que adquiriram no atual contexto. A proposta é, sobretudo, discutir estas questões a partir do filme *Perpetual Recurrences*, da diretora palestina Reem Shilleh, que será exibido hoje às 18h.

Para iniciarmos nossa conversa, gostaria de trazer alguns comentários que foram feitos na mesa inaugural desta mostra, no último sábado, que ajudam na contextualização histórica da nossa conversa.

No primeiro dia, as três curadoras refletiram sobre o papel da Mostra de Cinema Árabe Feminino e as complexidades envolvidas em sua curadoria, especialmente à luz do atual contexto, marcado pelo genocídio em curso do povo palestino.

Destaco, em primeiro lugar, o comprometimento que assumem as curadoras com a causa palestina, expressamente manifesto na arte desta edição da mostra, que traz o mapa da Palestina, a chave que simboliza o retorno do povo palestino à sua terra, os bordados e os lenços dos soldados palestinos, por exemplo.

Estou aqui lembrando uma fala da Carol Almeida na mesa inaugural, para aqueles que não puderam estar presentes, pois acredito que uma das questões centrais no cinema palestino é justamente a afirmação de seu território e de sua cultura. E a presença desses símbolos é, portanto, profundamente significativa dado o contexto atual.

As curadoras também expressam esse compromisso através da programação da mostra, que inclui diversos filmes de realizadoras contemporâneas abordando a questão palestina, e pela criação de espaços de reflexão crítica, como este em que nos encontramos agora.

Não podemos esquecer que a circulação dessas imagens e a existência desses espaços de reflexão crítica estão cada vez mais escassos, em função de um

pensamento hegemônico ocidental que não reconhece as desumanidades do conflito, e censura qualquer questionamento sobre o mesmo.

No sábado, discutimos casos recentes de censura em grandes festivais de cinema, como Cannes, Berlinale e o Festival de Rotterdam, o que só reforça a importância de espaços como este.

Nesse contexto, surgem algumas questões que podem guiar nosso olhar sobre as imagens do cinema árabe feminino contemporâneo:

- O que podem as imagens - e o cinema - frente ao apagamento histórico de um povo, de uma cultura e de uma nação?
- Que dimensões adquirem os arquivos em meio à destruição em massa sofrida historicamente pela Palestina?

Nossa proposta é olharmos para o filme de Reem Shilleh em busca de pistas e respostas para essas indagações.

Para começar a nossa conversa, trago algumas informações sobre a diretora e também as minhas impressões sobre o seu filme:

Reem Shilleh é uma pesquisadora, curadora, realizadora e artista com um longo histórico de investigação sobre práticas de imagens ativistas e revolucionárias na Palestina, bem como em sua diáspora e sua rede de solidariedade. Em 2011, Reem cofundou o *Subversive Film*, um coletivo dedicado à pesquisa de arquivos audiovisuais raros da Palestina. Atualmente, a diretora divide seu tempo entre Bruxelas e Ramallah.

Seu filme *Perpetual Recurrences* (2016) retoma 40 anos de cinema palestino, ou sobre a Palestina, justapondo trechos de filmes realizados entre as décadas de 1970 e 2013. Nesse trabalho, Reem busca por imagens recorrentes em filmes ativistas do período revolucionário palestino (1968-1982) e em obras mais recentes. Dentre os motivos que se repetem nos arquivos, encontramos temas como: a educação na luta armada, os campos de refugiados, o treinamento revolucionário e os travellings pelo território e por cidades palestinas.

Podemos afirmar que este filme realiza um verdadeiro "gesto curatorial", na medida em que a diretora dá a ver uma série de arquivos apresentados de forma indexada, com o título, a data de realização e o nome dos diretores. Estes intertítulos que surgem ao longo do filme costuram a narrativa e adicionam novas camadas de significado a ela.

Perpetual Recurrences transcende a simples prática de colagem ou de reutilização de arquivos. Há um fio condutor invisível, cuidadosamente elaborado pela diretora, que

sustenta a narrativa do filme. A sensação é que, se retirássemos os intertítulos, o filme se desenrola em uma narrativa linear e contínua, revelando muito sobre o povo, a cultura, as lutas e a situação geopolítica da Palestina.

Os arquivos apresentados no filme são, portanto, chaves para uma leitura da história palestina.

Não por acaso, Reem inicia sua narrativa em uma sala de aula, onde crianças aprendem sobre a história de seu país, enfrentando desde cedo complexidades tão grandes quanto o conhecimento sobre a tomada de seu território, a ineficácia das políticas internacionais na resolução dos conflitos geopolíticos que afetam o seu país, e a necessidade de uma luta armada para reaver suas terras. Tudo isso, enquanto aprendem a ler e a escrever.

Essas crianças simbolizam um desejo de futuro do povo palestino, uma esperança por justiça que leve à reconquista do território perdido. Ao escolher imagens em que vemos professores ensinando geografia e história aos alunos, mostrando as fronteiras da Palestina, designando suas maiores cidades, ressaltando eventos históricos, entre lutas e conquistas, e nomeando os inimigos, Reem realiza também um gesto "pedagógico" com o espectador, produzindo e ensinando um contradiscurso sobre as disputas políticas, ideológicas e territoriais que ainda estão em jogo.

É significativo que esses arquivos iniciais do filme provenham de redes internacionais de cinema e TV, filmados em parceria com cineastas palestinos, com o intuito de mostrar o sistema revolucionário e a educação voltada para a libertação. Vamos ouvir, em línguas estrangeiras, a história da Palestina e os entraves que levaram à luta armada. São filmes ingleses, franceses, italianos, alemães, japoneses, com títulos emblemáticos como *"An oppressed people is always right"* ("Um povo oprimido tem sempre razão"), que simbolicamente atestam o reconhecimento internacional da causa palestina.

Aliás, uma questão que surgiu na conversa com a Carol, e que podemos abordar a seguir, é justamente esta: onde está esse apoio internacional hoje?

O filme passa da organização das escolas para uma organização social mais ampla, mostrando as cidades e seus habitantes em pleno funcionamento. Com o tempo, os arquivos estrangeiros desaparecem, e os cineastas palestinos assumem a representação de seu próprio povo.

Na juventude, os palestinos aparecem nos campos de treinamento revolucionário, e aqui são mostrados muitos traços da cultura palestina — cantos, danças e outros símbolos do orgulho nacional que embala a luta armada. As cidades somem, os planos

mostram horizontes mais amplos, sem muros, mas ainda ocupados por tendas e armas. O futuro permanece incerto.

Em determinado momento, o filme realiza uma inflexão narrativa: no lugar da assertividade do discurso revolucionário, surgem dúvidas e incertezas enquanto vemos imagens de territórios bombardeados, de aldeias destruídas. Passado e presente se misturam. Um *raccord* entre dois filmes mostra um passeio de carro que vai desse território destruído à cidade de Gaza. Mas uma Gaza de 2013, onde a vida pulsa, onde há movimento, passantes, cores. O horizonte se abre novamente, em céu azul, em mar. As cenas são emprestadas do filme *Home Movies Gaza* (2013), da diretora Basma Alsharif.

Neste ponto, é inevitável comparar as imagens do telão com as que circulam hoje do que restou de Gaza. E lembrarmos os mais de 40 mil mortos palestinos nos últimos 10 meses, nesta mesma região.

Embora as imagens de Gaza apareçam sob um tom esperançoso, o filme não escapa à realidade cíclica que o encerra, à qual a diretora alude em seu título: *Perpetual Recurrences*. Com os deslocamentos e resgates operados pelo filme, as imagens de arquivo transitam de revolucionárias, militantes e utópicas para imagens-testemunho de crimes de guerra, imagens da resistência, imagens que, em última instância, se transformam em prova de vida.

Para terminar, deixo aqui um parágrafo escrito pela cineasta portuguesa Susana de Sousa Dias, acerca do arquivo e suas dimensões mutáveis:

“O arquivo é o lugar de confronto com a memória, o lugar que faz vacilar nossas certezas, estabelecendo múltiplas e imprevisíveis relações com o real. Neste processo o arquivo inventa-se e reinventa-se, alimentando-se do encontro e da colisão de múltiplos tempos, permanentemente perturbando a ordem e as histórias estabelecidas”.

Obrigada a todos.